

OPPRESSÃO E *BULLYING* NA ESCOLA: REFLEXÕES ACERCA DA PRÁXIS PEDAGÓGICA DE SOCIOLOGIA ATRAVÉS DO PIBID

JOANNA MUNHOZ SEVAIO¹; **BRUNA DA ROSA BERWALDT²**; **IGOR POLETTI³**
JÚNIOR HENRIQUE SILVEIRA KERBER⁴; **VERA LUCIA DOS SANTOS
SCHWARZ⁵**

¹*Universidade Federal de Pelotas – jmsevaio@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – berwaldtbruna@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – igor.poletti@hotmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – henriquekerber@msn.com*

⁵*Universidade Federal de Pelotas – vlsschwarz@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

As reflexões que permeiam este trabalho tratam das possibilidades pedagógicas que o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) permite, mais precisamente na área de sociologia. Partimos, dessa maneira, das atividades desenvolvidas por bolsistas do PIBID da área de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), durante o primeiro semestre do ano de 2016 para refletirmos sobre a nossa práxis pedagógica diante do contexto escolar.

Por esse ângulo, nossas experiências nas escolas proporcionaram ao grupo momentos de análise sobre como construir um aporte didático para o ensino de sociologia que dimensione um projeto de educação de cunho transformador, o que pretendemos apresentar neste trabalho.

Os sentidos que damos aos nossos apontamentos teóricos conectam a ideias de imaginação sociológica de MILLS (1969), e também a de práxis pedagógica, que atravessa obra e biografia de FREIRE (1997). Dessa forma, comprehende-se a pertinência de considerarmos a dimensão política da sociologia e de suas práticas pedagógicas específicas, evidenciando assim a abordagem de conteúdos cujo caráter é insurgente à ordem social, como o debate sobre opressões.

Vale frisar que consideramos a definição de opressão proposta por BOAL (2012), em texto escrito para o Instituto Augusto Boal, para quem “Opressão é uma relação concreta entre indivíduos que fazem parte de diferentes grupos sociais, relação que beneficia um do grupo em detrimento do outro.” Podemos dizer, portanto, que é expressão de uma estrutura social desigual, na qual se insere a realidade das escolas públicas. O *bullying*, nesse sentido, é a manifestação por meio de posturas jocosas de relações de opressão no contexto escolar.

2. METODOLOGIA

A oficina “Opressão e *Bullying* na Escola” foi elaborada em meados de março de 2016 a fim de propiciar entre estudantes do ensino médio debates sobre a realidade que vivenciam entre si, no ambiente escolar e no tecido social como um todo. O objetivo da proposta foi o de estimular bolsistas e estudantes para que possam trilhar pelas possibilidades múltiplas e inovadoras de práticas pedagógicas que consideramos necessárias.

O viés metodológico adotado para a oficina, portanto, foi o de como produzir e compartilhar conhecimento sociológico dentro de sala de aula, haja

vista os entraves que a disciplina encontra em relação ao seu potencial enquanto propulsora de conhecimento crítico sobre o mundo.

As oficinas ministradas foram realizadas em diferentes ambientes: sala de aula e pátio da escola. Primeiramente, os alunos foram posicionados em uma linha central, que consideramos ser o “marco zero” da opressão estrutural. O próximo passo foi questioná-los, a partir de um questionário previamente construído pela equipe responsável pela oficina. A partir de questões, tais como: “O que é opressão para você?”, Você se considera preconceituoso entre outras. Após foram feitos diversos questionamentos sobre a situação dos alunos dentro e fora da escola, como a relação entre colegas e também suas relações familiares, além da influência das mesmas no todo de suas experiências em sociedade, pedindo para que eles dessem um passo para frente ou para trás de acordo com a resposta. Nesse momento, os alunos puderam olhar para si mesmos e para seus colegas posicionados em diferentes pontos de uma estrutura social que os diferencia de acordo com determinadas características. Depois, expuseram algumas de suas vivências que consideravam marcantes em suas trajetórias, colocadas dentro do espectro de opressões de gênero, raça, classe e sexualidade.

Para concluir as etapas metodológicas foi proposta atividade para estimular o desenvolvimento de empatia e o de colocar-se “no lugar do outro” entre nós, bolsistas do PIBID, e os alunos. A atividade consistia em determinar uma tarefa para o colega ao lado, sem o aviso prévio de que quem executaria seria a própria pessoa que determinou a tarefa que deveria executar.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O conjunto de ações que desenvolvemos compreendeu três escolas da rede pública de Pelotas parceiras do PIBID, a saber: Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Antônio Leivas Leite, Escola Estadual de Ensino Médio Santa Rita e Instituto Estadual de Educação Assis Brasil.

O subsídio teórico da “imaginação sociológica” proposto por Mills traz a dimensão da sensibilidade sobre as circunstâncias sociais da qual fazem parte educadores e educandos, como a opressão no caso em que estudamos. O autor sugere que por meio da “imaginação sociológica” os homens podem perceber o que está acontecendo no mundo, e compreender o que acontece com eles, como minúsculos pontos de cruzamento da biografia e da história, na sociedade (MILLS, 1969, p. 14). Ou seja, a partir da realidade subjetivamente dotada de sentido para ele, o aluno pode olhar o outro e perceber a si mesmo, fazer uma leitura de sua realidade e assim ser sujeito produtor de conhecimento.

O debate e a troca de experiências que permeiam as oficinas ministradas tornam-se, nesse sentido, importantes artifícios para o despertar da imaginação sociológica, o que perpassa o ambiente escolar em sua totalidade. Contrapondo-se a práticas pedagógicas tradicionais, em que os alunos são submetidos a apontamentos puramente teóricos que são facilmente esquecidos, o ensino de sociologia deve instigar questionamentos que envolvem todas as partes envolvidas no processo de ensino-aprendizagem.

Ancorando-se no mesmo sentido crítico, a ideia de práxis pedagógica coloca o educador como parte de um processo amplo de transformação social, do qual faz parte o alcance da consciência crítica por parte dos educandos e de si

Na escola estadual Leivas Leite, por exemplo, pudemos notar que havia uma aluna que se sentia “afastada” da turma, pelo fato de estar com um problema no joelho. No desenvolvimento da oficina ela pode expor sua situação aos colegas, que puderam conjuntamente construir conhecimento sobre o tema.

Na escola estadual Santa Rita, por sua vez, pudemos notar que a temática do *bullying* e das opressões provoca variadas reações nos alunos, desde o estranhamento em abordar conteúdos não convencionais em sala de aula, até o alívio de poder reivindicar diversos problemas do ambiente escolar, principalmente o distanciamento entre professor, aluno e as matérias que são estudadas.

No Instituto Assis Brasil, pudemos perceber a turma mais envolvida com a temática de suas vivências. Os colegas partilharam entre si e com os bolsistas do PIBID situações em que se sentiram oprimidos e vítimas de *bullying*, colocando-se dispostos a mudar suas atitudes perante os demais e também a refletirem sobre as estruturas sociais nas quais estão inseridos.

Pudemos visualizar, no envolvimento e interação com os alunos das diferentes turmas, que a dinâmica evidencia o quanto o sistema pedagógico unicamente baseado em conteúdo no quadro desgastou-se diante de relações sociais concretas dos estudantes, pois os alunos têm anseios de aprendizagem e de incentivo à sua capacidade reflexiva que não são contempladas no ambiente escolar tradicional.

4. CONCLUSÕES

O professor, ou o PIBIDIANO, como pudemos observar no contexto em que analisamos, cumpre a função de provocador. Concluímos que o espírito crítico característico da sociologia não desenvolve seu potencial por meio de extensos monólogos expositivos dos professores, mas sim pela necessidade de introdução nos currículos de novas temáticas, abordagens e práticas pedagógicas.

Entre o PIBID e a sociologia visualizamos uma conjugação capaz de criar um ambiente propício à reflexão, incitando nos alunos o impulso para a “ação-reflexão” proposta por Freire. A escola torna-se, dessa forma, potencialmente um espaço no qual educadores e educandos possam repensar suas vivências e no qual, portanto, entra em perspectiva a agência dos sujeitos nos processos de transformação social.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MILLS, C. W. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969. 246 p.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

BONFIM, C; CORREA, W. Práxis pedagógica na filosofia de Paulo Freire: um estudo dos estádios de consciência. **Trilhas Filosóficas**, Natal, v. 1, p. 55-66, 2008.

LUZ, G. O. F. A imaginação sociológica e questões críticas em C. Wright Mills: pontos de referência ao papel do educador. **Educar**, Curitiba, n. 12, p. 61 – 85, 1996.

SCHMITT, M. A. Ação-reflexão-ação: A prática reflexiva como elemento transformador do cotidiano educativo. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 25, p. 59-65, 2011.

Julian Boal. **Notas para uma definição de opressão**. Instituto Augusto Boal Digital, Brasil, 20 mar. 2012. Acessado em 03 ago. 2016. Online. Disponível em: <http://institutoaugustoboal.org/2012/03/20/opressao-artigo-de-julian-boal>